

## O gênero biográfico em questão: possibilidades teóricas de análise da escrita biográfica no campo do conhecimento histórico

LÍVIA BEATRIZ DA CONCEIÇÃO\*

Em *Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira*, Márcia de Almeida Gonçalves nos chama a atenção para o fato de que o momento em que Lúcia Miguel Pereira escreve a sua biografia sobre Machado de Assis seria um tempo de “epidemia biográfica” (GONÇALVES, 2009:191-223). Certamente tal epidemia também faz parte de nosso tempo presente, e as ponderações de Márcia Gonçalves nos levam a refletir sobre isso. Sem muito esforço, podemos perceber este fato ao fazermos uma rápida consulta nas livrarias de nossa cidade, se quisermos com isso nos restringir ao nosso espaço particular de atuação.

Alguns são os fatores que podem ser apontados para entendermos o porquê desse verdadeiro “boom” na procura pelo indivíduo. Um deles precisa ser destacado: o discurso pós-moderno, numa crítica aos macro-modelos explicativos e suas teorias sociais globais, que se converte numa valorização das plurais e micro-ações individuais, numa busca pela subjetividade dos sujeitos<sup>1</sup>.

Neste texto temos por objetivo fazer uma reflexão teórico-metodológica sobre o gênero biográfico, percebendo, nesse caminho, o contexto de criação das biografias de nosso próprio tempo. Procuraremos mapear as possibilidades de relações que podem ser

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> Não é objetivo deste texto refletir sobre a crise do paradigma estruturalista. Para uma discussão a respeito, e sobre sua relação com o que estamos identificando como uma “epidemia biográfica”, ver, por exemplo, GUIMARÃES, Manoel Salgado. A biografia como escrita da história. Prefácio In: SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias: o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. De acordo com Manoel Salgado, esta valorização do sujeito, através de estudos que alertam para a necessidade de compreensão desses atores em ação, está correlacionada à idéia de um “giro subjetivo”, identificada por Beatriz Sarlo. Assim, “a voz do indivíduo, daquele que viveu a experiência e que, na condição de testemunho, seria capaz de deslizar da experiência para a narrativa, dotando-a, por isso mesmo, de uma capacidade de falar a verdade do acontecido pela via da vida do narrador”, se faz uma demanda para os escritos biográficos no tempo presente. *Idem, Ibidem*, p. 23. Ou ainda em Benito Bisso Schmidt, que ao tentar entender o porquê da emergência do gênero biográfico entre historiadores e jornalistas aponta como um dos fatores a crise do paradigma estruturalista, que leva, citando Chartier, a uma procura pelo “papel dos indivíduos na construção dos laços sociais”. SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p. 2.

constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da história, a partir de uma problematização de estudos que se dedicam ao tema. Faz-se necessário, contudo, deixar claro que esta busca pelo sujeito individual e pela narrativa não se restringe, evidentemente, ao campo do conhecimento histórico. Porém, para o objetivo em questão, optamos por seguir esta linha central de análise<sup>2</sup>.

### **A biografia como tema**

As discussões relativas às relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e escrita da História inscrevem-se num movimento maior da historiografia nas últimas décadas de uma série de retornos. Um deles tem especial atenção nas linhas que se seguem: o renascimento da história política enquanto campo possível de estudo, com a valorização do sujeito, do acontecido e da narrativa na história; e através da percepção desse político como um espaço de articulação do social e sua representação (FERREIRA, 1992:265-271).

Segundo Philippe Levillain, é nesse contexto de retorno e constituição de um novo tipo de história política, que procura dar voz ao indivíduo na história, através de uma valorização da ação e dos atores, que podemos entender o florescimento contemporâneo da escrita biográfica como forma de conhecimento histórico (LEVILLAIN, 2003: 141-184). Um gênero biográfico, porém, diferente, reformado, que tem por objetivo, como defende Sabina Loriga, analisar o homem comum, e não mais os grandes vultos, em sua multiplicidade, incoerente e conflituoso, como forma de escapar a uma concepção cerceadora das vontades individuais, uma vez que:

*O indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação*

---

<sup>2</sup> Como o texto em questão faz parte de um objetivo maior de reflexão sobre os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa biográfica sobre o conservador saquarema Joaquim José Rodrigues Torres, algumas das discussões aqui travadas já tiveram a oportunidade de serem problematizadas em outros momentos.

*das práticas culturais: penso nas inércias e nas ineficácias normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder (LORIGA, 1998: 249).*

Entender os sujeitos históricos em sociedade, nesse sentido, “a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele(s) se insere(m)”, é perceber sua autonomia, mesmo que “culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada” (LEVI, 2006: 179), dentro do sistema social e político. Segundo Giovanni Levi, uma biografia é um importante mecanismo de entendimento dessas liberdades de escolha individuais, das liberdades de ação, mesmo que restritas e certamente incertas e instáveis, dentro do contexto normativo, que não é absoluto, mas sim contraditório e, por vezes, incoerente, abrindo, com isso, uma brecha para as estratégias de ação dos agentes históricos. Em suas palavras:

*Nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação, ou de interpretação das regras, de negociação. (...) A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas. (Com isso, evitar-se-ia) (...) abordar a realidade histórica a partir de um esquema único de ações e reações, mostrando, ao contrário, que a repartição desigual do poder, por maior e mais coercitiva que seja, sempre deixa alguma margem de manobra para os dominados; estes podem então impor aos dominantes mudanças nada desprezíveis. Talvez (esta) seja apenas uma nuance, mas (...) não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irreduzível de uma certa liberdade vis-à-vis as formas rígidas e as origens da reprodução das estruturas de dominação (LEVI, 2006: 179-180).*

Uma narrativa de vida, assim, deve estar sempre atenta aos seguintes problemas: “a relação entre normas e práticas, entre indivíduo e grupo, entre determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e racionalidade limitada” (LEVI, 2006: 179). O método biográfico, desta forma, não pode ser qualificado como ilusório, no

sentido em que devemos relativizar a idéia de que há uma força limite dos laços normativos, dos mecanismos sociais e institucionais sobre as percepções e iniciativas individuais.

Ao discutir a proliferação dos escritos biográficos entre historiadores e jornalistas, Benito Schmidt nos chama a atenção para o fato de que “uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é (exatamente o de) recuperar a *tensão*, e não a oposição, entre o individual e o social” (SCHMIDT, 1997:12). Em trabalho publicado recentemente sobre Gilda Marinho, ele nos leva a refletir sobre a idéia de que as chamadas qualidades dessa mulher “excepcional” são fruto de uma construção social, na medida em que sua personalidade comunicativa, sua inteligência, sua beleza, características estas presentes desde sua juventude, “só puderam se evidenciar pelo fato de ela participar de grupos nos quais tais qualidades eram valorizadas e estimuladas” (SCHMIDT, 2009: 160). Portanto:

*Se Gilda já se destacava naquela época, não era por ser “excepcional” ou por estar “à frente de seu tempo”, mas por apresentar as qualidades desejadas para as moças que formavam a “constelação divina” das filhas abastadas de Pelotas (SCHMIDT, 2009: 160).*

A militante comunista, poetisa e professora Laura Brandão, segundo Maria Elena Bernardes, ignorava “as ‘raias’ apertadas das normas da conveniência predominantes” de seu tempo, uma vez que “contrariando a normatização ditada, recebia em sua casa e era recebida por seus amigos homens, inclusive em encontros a sós, e não apenas em ocasiões sociais” (BERNARDES, 2009: 259). Mas essa liberdade de ação tinha limites, tendo em vista que estava circunscrita a um momento em que “as normas de comportamento já não eram centradas no enclausuramento, como no caso da mulher do século XIX (...) que só saía às ruas nas raras situações, rigidamente previstas, de passeios com a família por ocasião de festas públicas e obrigações religiosas” (BERNARDES, 2009: 264) <sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Para Maria Elena Bernardes, esta mudança de posição devia-se principalmente ao fato de que “a crescente urbanização e o desenvolvimento comercial do país requeriam a presença dessas mulheres no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros e cafés. O passeio pelas ruas no começo do século começou a ser permitido, mas obedecendo a um certo código social”. BERNARDES, Maria Elena. Laura Brandão: dos salões aos comícios. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro:

Diálogo estreito e profícuo entre liberdade de escolha individual e contexto social, numa reflexão acerca das possibilidades e dos limites das micro-ações individuais dos agentes históricos frente às estruturas normativas. Essa é uma das preocupações de Márcia de Almeida Gonçalves em seu Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. Numa análise acerca do período de elaboração da biografia desse mestiço, pobre e nevropata, a autora problematiza a idéia de que a intérprete e biógrafa Lúcia Miguel Pereira, ao desenhar em “papel e letras” um retrato de seu biografado, esteve “sob o crivo das dúvidas e impasses” (GONÇALVES, 2009:192) de seu próprio tempo.

Tempo esse de “incertezas, experimentações e desenganos” (GONÇALVES, 2009:207), e que tinha como questões centrais não somente a problemática da “defesa do valor das ações e percepções individuais ante os condicionamentos e limitações institucionais e sociais” (GONÇALVES, 2009:205), mas inclusive duas outras questões que também fazem parte de nosso próprio tempo presente nos estudos que se dedicam à escrita biográfica: o afastamento de uma representação do biografado como um sujeito com uma trajetória linear e ordenada; e uma preocupação em perceber e analisar as redes de sociabilidade nas quais um personagem se acha inscrito.

Começemos pela primeira. Muito já se criticou, a partir do artigo de Pierre Bourdieu sobre *A ilusão biográfica*, a idéia de que uma história de vida pode ser reconstituída como um trajeto coerente e linear dotado de sentido. Segundo o autor, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos, com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BOURDIEU, 2006: 185). Ao contrário, “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 2006: 185), como ele o é percebido pelo romance moderno.

Ao construir sua própria versão acerca da interpretação feita por Lúcia de Miguel Pereira de seu biografado, Márcia Gonçalves frisa que:

---

Editora FGV, 2009, p. 264.

*Lucia de Miguel Pereira (...) fez da escrita biográfica uma experimentação, aquela que, ao se afastar da representação de uma trajetória linear de ações cumulativas e satisfatórias, carregou nas tintas da apresentação de vivências variadas, “dos fatos observáveis e ostensivos” aos “sonhos desfeitos” e “encontros fortuitos”, reunidos em narrativa comprometida com a formação do autor e da obra, esta suposta como sua melhor ação manifesta (GONÇALVES, 2009:211).*

Uma escrita biográfica preocupada com as continuidades e discontinuidades de sua experiência de vida, com sua humanidade “contraditória e partida”, esse sim o “*verdadeiro Machado*” (GONÇALVES, 2009:210)<sup>4</sup>, uma vez que “ninguém, nem os mais geniais, (...) (é) o mesmo entre a juventude e a velhice” (GONÇALVES, 2009:216).

Em artigo que se propõem a pensar sobre as biografias renascentistas, Peter Burke constrói uma comparação entre estas e as elaboradas nos dias atuais, e uma das principais diferenças observadas por ele é exatamente o fato de que os autores renascentistas percebiam o sujeito a ser biografado como um indivíduo com personalidade “estática, o produto fixo de um equilíbrio de humores e, para alguns escritores, o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento” (BURKE, 1997: 11).

Yonissa Wadi e Keila de Souza, ao interpretarem os escritos autobiográficos de alguns suicidas da região sob jurisdição da comarca de Toledo entre os anos de 1980 e 1993, afirmam que “a posição de escrevente, assumida pelos suicidas que deixam mensagens, permite (...) que se rompa com qualquer ‘ilusão biográfica’ sobre a existência de um eu coerente e contínuo, expresso em sua escritura”(WADI & SOUZA, 2009: 99), uma vez que “são escritos de escreventes (...) que escrevem sem nenhuma preocupação literária, objetivando apenas certos fins, como testemunhar, explicar, ensinar, pedir ou mesmo denunciar, agredir, acusar” (WADI & SOUZA, 2009: 99).

---

<sup>4</sup> Para Márcia Gonçalves esta foi uma “desconstrução proposital e pensada (...)de subordinar a figuração do biografado às escolhas autorais do biógrafo”. “A biógrafa selava com o artista-biografado, e à revelia deste, um pacto de vingança maior e inusitado contra o funcionário exemplar e tantas outras *personas machadianas* construídas de forma, literalmente, lapidar”. GONÇALVES, Márcia. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In:GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, p.210.

O Thomas Merton e o Amoroso Lima de Marcelo Timotheo da Costa também são percebidos como sujeitos históricos com trajetórias não retilíneas. Amoroso Lima, por exemplo, teve uma “lenta e não-linear transformação no universo católico, movimento que duraria décadas, passando de um registro eclesial reacionário a outro liberal”(COSTA, 2009: 245)<sup>5</sup>.

A partir desses exemplos de biógrafos de nosso próprio tempo, podemos perceber a preocupação sempre constante desses autores em perceberem seus personagens como sujeitos múltiplos, conflituosos, entrecortados por decisões muitas vezes incertas, e não como indivíduos plenos, coerentes, lineares e objetivos, cuja existência pode ser absorvida em sua totalidade<sup>6</sup>.

Resta-nos nesse momento retomar o segundo ponto apontado anteriormente que também é uma constante nos estudos que se dedicam aos escritos biográficos de nosso tempo: uma perspectiva que ao “reconstituir” uma história de vida percebe o sujeito a ser biografado também a partir de sua interação social, uma vez que defendem a idéia de que um indivíduo constrói-se socialmente, em meio às redes de sociabilidade em que se inscreve.

Em *A sociedade dos indivíduos*, Norbert Elias afirma que nem indivíduo nem sociedade existem um sem o outro. Haveria uma inter-relação dinâmica, uma contínua interação entre o indivíduo e a sociedade, pois esta seria formada por indivíduos, e estes seriam constituintes da sociedade, não sendo possível considerar essas idéias separadamente. Por isso a concepção de uma “sociedade de indivíduos”, termos inexoravelmente imbricados (ELIAS, 1994)<sup>7</sup>.

Segundo Márcia Gonçalves, Lúcia de Miguel Pereira na sua interpretação de Machado de Assis teve o cuidado de estar atenta às sociabilidades constituídas por seu biografado, percebendo muitas vezes que “os lugares ocupados pelo jovem Machado de

---

<sup>5</sup> E os exemplos não se esgotam. Se quisermos, podemos retomar a Gilda Marinho de Benito Schmidt. SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op.Cit.*, pp. 155-171.

<sup>6</sup> Vale aqui nos lembrarmos de uma alerta de Pierre Bourdieu, que vê o biógrafo como um “profissional da interpretação”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 185.

<sup>7</sup> Um exemplo de trabalho biográfico de Norbert Elias em que ele reflete sobre a interdependência entre um indivíduo e a sociedade é *Mozart*. Ver em ELIAS, Norbert. **Mozart**, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

Assis em muito dependeram das amizades construídas” (GONÇALVES, 2009: 214), num jogo onde “o valor das experiências (são) tomadas como campo de possíveis de configurações das ações, escolhas, limitações e negociações” (GONÇALVES, 2009: 215).

Nesse sentido, escrever uma história de vida é estar atento, certamente, aos “projetos e desejos que (...) (os) atores construíram e desconstruíram com o passar do tempo” (GOMES, 2009: 44). Projetos esses, realizáveis ou não, de acordo com outros projetos individuais e/ou coletivos, dentro de um “campo de possibilidades”<sup>8</sup>. Os projetos de Gilda Marinho, como o de projeção social, por exemplo, na percepção de Benito Schmidt, “realizaram-se (ou não) de acordo com as possibilidades e os limites dos meios sociais em que ela atuou” (SCHMIDT, 2009: 163)<sup>9</sup>. Ao falar sobre a “experiência biográfica”, Jacques Revel afirma que uma biografia:

*Pode ser relida como um conjunto de tentativas, de escolhas, de tomadas de posição diante da incerteza. Ela não é mais pensável apenas sob a forma da necessidade – esta vida existiu e a morte a transformou em destino -, mas como um campo de possibilidades entre as quais o ator histórico teve de escolher (REVEL, 1998: 38).*

Identificar e analisar as relações sociais tecidas por um indivíduo em seu mundo é de extrema importância em um trabalho biográfico. Relações estas que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro de um campo de possíveis. Defendemos a idéia de que esta perspectiva analítica nos possibilita “apresentar de modo menos esquemático os mecanismos pelos quais se constituem (essas) redes de relações, estratos e grupos sociais” (LEVI, 2006:173), isto é, as estruturas sociais.

Aquele “novo político”, que tem os estudos biográficos como um de seus temas mais recorrentes, se constrói nessa pluridisciplinariedade, numa troca com outras

---

<sup>8</sup> Idéia esta cunhada por Gilberto Velho, como forma de evitarmos, numa análise sobre trajetórias e biografias, “um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sócio-cultural rígido”. VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p.40.

<sup>9</sup> Para Benito Schmidt, “não se pode negar que construímos nossas existências de acordo com projetos por nós elaborados, os quais são mantidos, reforçados, alterados ou substituídos em função dos meios – aqui entendidos como campos de possibilidades – em que atuamos. SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). *Op. Cit.*, p. 160.



disciplinas, a exemplo da sociologia, possibilitando, com isso, o trabalho com novas problemáticas e técnicas de investigação, além do uso de novos conceitos, como o de rede social, visto que “o político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social” (RÉMOND, 2003: 35-36). Entendemos esse político, assim, como “campo de representação do social”, naquilo que René Rémond nos chama atenção:

*Seria ingênuo acreditar que o político escapa das determinações externas, das pressões, das solicitações de todo o tipo. Foi - e continua sendo - uma contribuição das pesquisas das últimas décadas lançar luz sobre o jogo dos interesses, as correspondências entre os pertencimentos sociais e as escolhas políticas, acompanhar a intervenção dos grupos de pressão e mostrar que a decisão política era resultante de uma multiplicidade de fatores (RÉMOND, 2003, 445).*

Mas esses “laços (que) se atam (...) são mais difíceis de perceber do que parece” (SIRINELLI, 2003:248). Contudo, segundo Jean-François Sirinelli, através de um inventariamento desses espaços de sociabilidade e, por conseguinte, de atuação diversificada de um dado sujeito histórico, podemos refletir, inclusive, sobre a própria interpenetração entre o afetivo e o ideológico.

Os escritos dos suicidas de Yonissa Wadi e Keila de Souza também são percebidos como “um espaço de sociabilidade privilegiado” (WADI & SOUZA, 2009: 101), uma vez que para eles “escrever mensagens de adeus (...) (configurou-se) como um espaço e um momento (...)de ‘estreitamento (ou rompimento) de vínculos’ com outros indivíduos, impossível de ser conquistado em outras circunstâncias” (WADI & SOUZA, 2009: 101).

Tomar o gênero biográfico como questão, utilizando como possibilidade teórico-metodológica de análise o que defende esta “nova” história política, é perceber, assim, o indivíduo da história também em sua rede de relações. É trabalhar com a perspectiva de sua função mediadora e com o fato de que há uma margem de liberdade de ação, mesmo que restrita, desse ator social dentro do incoerente e conflituoso sistema de normas.

Compartilhamos, desta forma, da concepção de que estas estruturas normativas não existem para além da experiência vivida, mas sim são produzidas e negociadas nas relações estabelecidas entre os sujeitos, que são, por sua vez, mutáveis e instáveis. Esta

perspectiva relacional “permite reformular a relação existente entre as normas e os comportamentos” (CERUTTI, 1998: 189), pois, nas palavras de Simona Cerutti:

*A (uma) imagem da vida social governada por normas exteriores (e portanto a uma visão do comportamento individual como expressão de uma adesão ou de uma recusa dessas normas), (opõem –se) (...) uma concepção muito menos linear mas bem mais rica da relação existente entre indivíduo e o mundo circundante. O indivíduo (com isso) pode ser visto como um ser racional e social que persegue objetivos; as regras e os limites impostos às suas próprias capacidades de escolha estão essencialmente inscritos nas relações sociais que ele mantém. Eles se situam portanto na rede de obrigações, de expectativas, de reciprocidades, que caracteriza a vida social. Numa tal perspectiva, o centro da análise será constituído pelo próprio processo social – e portanto pelas interações individuais nos diferentes contextos sociais – e não apenas pelas instituições. Das estruturas e das instituições, a atenção se desloca (assim) para os processos e as interações (CERUTTI, 1998:189).*

Para Simona Cerutti, assim entendidas, as relações sociais tornar-se-iam um contexto no qual se inscrevem biografias, sendo, por isso, um importante instrumento de percepção do horizonte social dos atores, evitando o deslocamento indivíduo e grupo social. Nesse esforço microanalítico, não teríamos o risco de perder de vista a compreensão da complexidade dessas relações que ligam os indivíduos, o tempo de suas experiências, de suas ações limitadas, de suas estratégias de negociação dentro do contraditório e incoerente sistema social e político, o tempo do acontecido, da narrativa histórica<sup>10</sup>.

Jacques Revel afirma que o microanálise se esforça “para dar à experiência dos atores sociais (...) uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos sociais maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo pareceram ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores” (REVEL, 1998: 10), e “que governariam a vida dos homens” (REVEL, 1998: 12). Mas, “esse individualismo

---

<sup>10</sup>De acordo com Manoel Salgado, para os micro historiadores, “a narrativa histórica não é apenas o relato do efetivamente acontecido porque necessário à razão histórica, mas também o relato das alternativas possíveis postas num jogo a ser decidido pelos atores históricos em questão”. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades. In: **Topoi**. Rio de Janeiro, nº 1, p. 222.

metodológico tem limites, já que é de um conjunto social – ou melhor, de uma experiência coletiva – que é sempre preciso procurar definir as regras de constituição e de funcionamento” (REVEL, 1998: 23).

Segundo Benito Schmidt:

*A recuperação dos sujeitos individuais na história pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente estruturalistas, descamados de “humanidade”, que caracterizaram boa parte da produção historiográfica contemporânea (...). Metodologicamente, esta mudança implica o recuo da história quantitativa e serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história (SCHMIDT, 1997: 2-3).*

E esse resgate das micro-ações individuais, como no caso das biografias, “normalmente é utilizado para iluminar questões e/ou contextos mais amplos” (SCHMIDT, 1997:11). Nesse sentido, a microanálise, ou seja, a redução na escala de observação, é um procedimento analítico necessário a um estudo biográfico. Ou, dito de outra forma, uma biografia pode ser vista como um recurso possível para um “jogo de escalas”. Seria uma forma de perceber as vastas estruturas sociais, numa perspectiva macro, sem deixar de fora as vidas e os acontecimentos individuais, o espaço social de experimentação e atuação de cada indivíduo; entendendo que aquelas generalizações podem adquirir um significado completamente novo quando se altera a sua escala de observação. De acordo com Simona Cerutti:

*São as diferentes relações de escalas que geram decalagens de informações entre indivíduos que ocupam posições diferentes na hierarquia social, assim como entre indivíduos e grupos ou instituições. A diferença de escala, portanto, não é apenas resultado de um processo de construção do objeto pelo historiador (a escolha de objetos de dimensões diferentes); ela é também “uma prerrogativa do próprio objeto”. Escalas diferentes implicam informações diferentes, possibilidades diversas de interpretação e ação. Essa leitura estratificada da realidade social contribui para restituir a pluralidade das vozes que a compõem (CERUTTI, 1998:196)<sup>11</sup>.*

---

<sup>11</sup> Também Jacques Revel afirma que “uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise – ou (...) da escala de observação”. REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp. 12-13.

Um jogo estabelecido entre os fatos mais particulares e a dimensão mais ampla do contexto social, o que viabiliza, a nosso ver, a construção de uma leitura mais densa e rica das estratégias sociais desenvolvidas pelos diferentes atores, a exemplo dos trabalhos feitos por Giovanni Levi em sua *A herança imaterial*<sup>12</sup> e de Carlo Ginzburg em seu *O queijo e os vermes*<sup>13</sup>.

É no âmbito dessas preocupações que circunscrevemos as possibilidades de relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da História. E estas questões fazem parte de um contexto maior de reflexão sobre os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a pesquisa biográfica sobre o conservador “saquarema” Joaquim José Rodrigues Torres, mais conhecido como “visconde de Itaboraí”.

Constitui-se como objetivo de pesquisa refletir sobre a constituição do pensamento político desse personagem individual num momento particular de formação do Estado nacional no Brasil monárquico. Defendemos a perspectiva de que Joaquim José Rodrigues Torres, um micro agente histórico em seu mundo, teve sua história de vida entrecortada por este significativo processo.

Numa variação entre as escalas de observação, buscamos, assim, analisar o processo macro de formação do Estado imperial no Brasil a partir de uma narrativa de vida, numa abordagem microanalítica, de um dos principais representantes do regresso conservador do período, entre os anos de sua formação acadêmica como matemático na Universidade de Coimbra e sua aproximação dos ideais regressistas em finais dos anos trinta (1821-1839); pois entendemos que a formação desse Estado, como defende Jacques Revel a respeito da constituição do Estado moderno, é “feita do conjunto desses níveis, cujas articulações ainda precisam ser identificadas e pensadas” (REVEL, 1998: 32).

Na procura pelo sujeito individual, buscamos perceber e analisar as permanências e rupturas na constituição do pensamento político desse múltiplo e descontínuo ator social, constituído em meio às relações de sociabilidade tecidas por ele

---

<sup>12</sup>LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>13</sup>GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ao longo de suas vivências variadas, uma vez que refletir sobre as idéias e práticas de um indivíduo em seu mundo é estar sempre atento, certamente, aos limites de sua liberdade de ação.

Mas essas relações que em parte se precipitam sobre um sujeito não são, de forma alguma, cerceadoras a uma perspectiva de escolha. Uma narrativa biográfica, nesse sentido, constitui-se em um importante mecanismo de entendimento das liberdades de atuação individuais dentro das estruturas normativas, que são, muitas vezes, contraditórias.

Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido. A viabilidade de realização ou não de seus projetos vai depender de outros projetos individuais e/ou coletivos. Redes de dependência e reciprocidade construídas ao longo de uma vida e que são plásticas, móveis, negociáveis, dentro, seguramente, de um campo de possíveis.

### **Referências Bibliográficas:**

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.4, n.7, pp. 66-81, 1991.

AVELAR, Alexandre de Sá. O *return* da biografia: problemas e perspectivas. In: MATA, Sergio Ricardo, MOLLO, Helena Miranda e VARELLA (Orgs). **Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a História?**. Ouro Preto: Edufop, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**. Arquivos pessoais, n. 21, 1998/1.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.13, v. 7, 1994, pp. 97-113.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Mozart**, sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da história política. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 265-271.

GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 9, n.7, 1996. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>.

\_\_\_\_\_ e SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Micro-história: reconstruindo o campo de possibilidades. In: **Topoi**. Rio de Janeiro, nº 1, 2000, pp. 217-223.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 24, 1999. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. Usos da biografia. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira. **Usos e abusos da história oral**. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LIMA FILHO, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HOBBSAWM, Eric. O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários. **RH – Revista de História**. Campinas, IFCH/Unicamp, inverno 1991, pp. 39-46.

LEMONS, Renato Luís do Couto Neto e. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 19, 1997.

LINHARES, Maria Yedda. Por que a História política?. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 7-19.

RÉMOND, René(Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa : Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Jogos de Escalas:** a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro. FGV, 1998.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. **José de Alencar:** o poeta armado do século XIX. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre o gênero biográfico:** a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945). Porto Alegre. Dissertação de mestrado em História – UFRGS, 1996. Mimeo.

\_\_\_\_\_. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90.** Porto Alegre, n.6, pp. 165-192, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, nº 19, 1997.

SOUSA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias:** o homem por trás do monumento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VELHO, Gilberto Velho. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.